

Atena
Editora
2019

**Denise Pereira
(Organizadora)**

Diversidades: Diferentes, não Desiguais 3



Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais 3 /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-092-6

DOI 10.22533/at.ed.926190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE – NARRATIVAS QUE ROMPEM COM AS FRONTEIRAS DA IDENTIDADE	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.9261905021	
CAPÍTULO 2	14
COMUNIDADE QUILOMBOLA CONTENTE: TRAÇOS DA MEMÓRIA	
Francisca das Chagas da Silva Alves Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.9261905022	
CAPÍTULO 3	25
DO CANDOMBLÉ ÀS CIÊNCIAS MÉDICAS: CUIDADO, CURA E EDUCAÇÃO MÉDICA SUSTENTÁVEL	
Luysa Gabrielly de Araujo Moraes Regina Moraes da Silva Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.9261905023	
CAPÍTULO 4	34
ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE: RACISMO E SEXUALIDADE EM ANJO NEGRO DE NELSON RODRIGUES	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9261905024	
CAPÍTULO 5	45
FRUIÇÃO E MAGIA: DO SILENCIAMENTO À VISIBILIDADE NEGRA NA LEITURA DE LIVROS DE LITERATURA DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Sara da Silva Pereira Vanessa de Senia Monteiro Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.9261905025	
CAPÍTULO 6	55
MÍDIA E NEGRITUDE: O USO DOS FILMES NA (DES) CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS	
Izaque Pereira de Souza Teresa Kazuko Teruya Wellington Junior Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.9261905026	
CAPÍTULO 7	67
O RISO E O LÚDICO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRO NOS POEMAS SATÍRICOS DE LUIZ GAMA	
Josineide Carvalho Costa Herasmo Braga de Oliveira Brito	
DOI 10.22533/at.ed.9261905027	

CAPÍTULO 8	79
PRECONCEITO RACIAL VIVENCIADO PELA PERSONAGEM CLARA DOS ANJOS NO ROMANCE HOMÔNIMO DE LIMA BARRETO	
Leonice Rosa da Cunha Abreu Zenaide Lima de Sousa Elio Ferreira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9261905028	
CAPÍTULO 9	82
RELAÇÕES SOCIAIS DO BRASIL: DO COMÉRCIO ESCRAVISTA DO SÉCULO XVIII AO COMÉRCIO SOLIDÁRIO DO SÉCULO XXI	
João Batista Romualdo Alves	
DOI 10.22533/at.ed.9261905029	
CAPÍTULO 10	87
UMA ÁFRICA VIVA EM SALA DE AULA: OFICINAS DE AFROSABERES	
Hinara Dias Juca Leididaiane Inácio de Sá Ana Técia de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.92619050210	
CAPÍTULO 11	95
VIDA E MORTE QUILOMBOLA	
Adelmir Fiabani	
DOI 10.22533/at.ed.92619050211	
CAPÍTULO 12	109
LA LECTURA INMAGÉTICA VIRTUAL IDEOLÓGICA Y GLOBALIZADA DE ÁFRICA	
Sérgio Rodrigues de Souza Liliane Rodrigues de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.92619050212	
CAPÍTULO 13	116
VISÕES CRÍTICAS SOBRE O PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA COM BASE NAS AÇÕES AFIRMATIVAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS	
Cláudio José Araújo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92619050213	
CAPÍTULO 14	124
CORPOS DEFICIENTES E DIFERENTES: DISCURSO SOBRE A DIVERSIDADE E A POLÍTICA DE INCLUSÃO NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO	
Terezinha Richartz	
DOI 10.22533/at.ed.92619050214	
CAPÍTULO 15	133
HISTÓRIA, AÇÕES E REPERCUSSÕES DO PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA	
Deyse Morgana das Neves Correia	
DOI 10.22533/at.ed.92619050215	

CAPÍTULO 16	147
INTERFACES DAS PRÁTICAS DOCENTES COM A LEI 10.639/2003 NO IFCE/CAMPUS JUAZEIRO DO NORTE	
Maria Virândia de Moura Luz Erivana D’Arc Daniel da Silva Ferreira Rosiléa Agostinha de Araújo Marcus Vinicius de Oliveira Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.92619050216	
CAPÍTULO 17	157
NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: COMO A ESCOLA CONTEMPORÂNEA LIDA COM ISSO	
Angela Maria Venturini Emília Naura Santos Bouzada Alexandra Sudário Galvão Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.92619050217	
CAPÍTULO 18	167
NOTAS PARA O DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E FORMAÇÃO DOCENTE	
Patrícia Fernanda da Costa Santos Luciélío Marinho da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.92619050218	
CAPÍTULO 19	182
O JOGO MANCALA – UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA UMA ABORDAGEM EM HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Denise Aparecida Enes Ribeiro José Augusto Pereira Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050219	
CAPÍTULO 20	189
PROJETO PEDAGÓGICO, CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DE ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SANTA RITA	
Daniele De Souza Farias	
DOI 10.22533/at.ed.92619050220	
CAPÍTULO 21	203
O CORPO NA EXPOSIÇÃO “BOSQUE” DE VELICASTELO	
Guilhermina Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92619050221	
CAPÍTULO 22	212
LEITURAS DO CORPO EM TRÊS OBRAS DE HELONEIDA STUDART	
Juliana Braga Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050222	
CAPÍTULO 23	222
MÍDIA E POLÍTICA: A LEGITIMAÇÃO DO SEXISMO	
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves Joselito Santos Tatiana Cristina Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050223	

CAPÍTULO 24	228
A EXTENSÃO COMO POTENCIALIDADE NA DES/CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS	
Cláudio Orlando Gamarano Cabral	
Marilda de Paula Pedrosa	
Michele Priscila Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050224	
CAPÍTULO 25	234
“NOVO MUNDO”: ENTRE A CARICATURA E A VEROSSIMILHANÇA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050225	
CAPÍTULO 26	244
ESTÉTICA DA DISSIMULAÇÃO: A ESTÉTICA PERIFÉRICA DE MACHADO DE ASSIS	
Natalino da Silva de Oliveira	
Joelma de Fátima da Costa Neves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050226	
CAPÍTULO 27	254
LUTA E RESISTÊNCIA NA TRAJETÓRIA DE JOÃO NERY: [TRANS]PASSANDO A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA	
Rafaela Costa de Azevedo	
Michelly Pereira de Sousa Cordão	
DOI 10.22533/at.ed.92619050227	
CAPÍTULO 28	267
O ABC DE PATATIVA DO ASSARÉ ENSINANDO SOBRE MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO NORDESTE FLAGELADO	
Eduarda Maria Moreira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050228	
CAPÍTULO 29	277
NO SEU PESCOÇO, UMA ANÁLISE DO DISCURSO NO CONTO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	
Solange Maria Morais Teles	
Rebeca de Alcântara e Silva Meijer	
Antonia Leda Morais de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.92619050229	
CAPÍTULO 30	285
IDENTIDADES AO LÉO: UMA LEITURA DE “PONCIÁ VICÊNCIO” E DE “O VENDEDOR DE PASSADOS”	
Leonardo Gomes de Souza	
Lídia Maria Nazaré Alves	
Fernanda Soares Wenceslau	
DOI 10.22533/at.ed.92619050230	
SOBRE A ORGANIZADORA	293

“NOVO MUNDO”: ENTRE A CARICATURA E A VEROSSIMILHANÇA

Maria Luand Bezerra Campelo

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Teresina – Piauí

Vanessa de Carvalho Santos

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Teresina – Piauí

RESUMO: O trabalho aqui em destaque tem como objetivo perscrutar as nuances que compõem a representação da história indígena no Período Colonial brasileiro na telenovela Novo Mundo, da Rede Globo. Tendo em vista a construção das personagens que representam a tribo da Aldeia Tucaré e o alcance que tal ferramenta midiática dispõe na propagação de ideias, busca-se, com isso, analisar a qualidade da verossimilhança na obra televisiva, e em que momento a arte se confunde com a caricatura estereotipada da cultura indígena, resultando em uma possível desvalorização à imagem do índio hodiernamente. Desta forma, abraçamos nossas perspectivas através das pesquisas de Baniwa (2006), Gombrich e Eribon (1998) e D’onofrio (1995), que defendem a valorização e o reconhecimento do “ser indígena” no Brasil. Em um país multicultural como o nosso, é imprescindível edificar pontes de pensamento que fortaleçam a igualdade e o entendimento sobre os mais diversos povos que constituem nossa nação.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Indígena; Representatividade; Verossimilhança.

ABSTRACT: This work aims to examine the nuances that compose the representation of indigenous history in the Brazilian Colonial Period in the soap opera Novo Mundo, Rede Globo. Considering the construction of the characters that represent the tribe of Aldeia Tucaré and the scope that such media tool has in the propagation of ideas, we seek to analyze the quality of verisimilitude in the television work, and at what point art confuses with the stereotyped caricature of the indigenous culture, resulting in a possible devaluation to the image of the Indian nowadays. In this way, we embrace our perspectives through the research of Baniwa (2006), Gombrich and Eribon (1998) and D’onofrio (1995), who defend the appreciation and recognition of “being indigenous” in Brazil. In a multicultural country like ours, it is essential to build bridges of thought that strengthen equality and understanding of the most diverse peoples that constitute our nation.

KEYWORDS: Indigenous Culture; Representativeness; Verisimilitude.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O pouco conhecimento generalizado sobre os povos indígenas está associado basicamente à imagem do índio que é tradicionalmente veiculada pela mídia: um índio genérico, com biótipo formado por características correspondentes aos indivíduos de povos habitantes apenas da região amazônica e no Xingu, com cabelos lisos, pinturas corporais e abundantes adereços de penas, nus, moradores das florestas, exóticos por natureza. Partindo do pressuposto que a caricatura é a ação associada ao cômico, mesmo que nem sempre provoque risadas, é um recurso midiático que, dependendo da forma como é utilizada, pode até mesmo despertar horror.

Este recurso é normalmente explorado nas artes visuais, tal como em charges, mas também podem ser encontrado em elementos que associem o verbal e o visual, como cinema, teatro ou telenovelas. Já a verossimilhança pode ser compreendida como a construção do pensamento humano, na busca de descrever e entender qualquer acontecimento que os cerca. Esta se aproxima do real, porém não é, é uma meia verdade compartilhada por dois ou mais indivíduos. Sabemos que ao longo dos anos, construções fictícias foram criadas ao redor da imagem do índio, mesmo com a variedade de tribos existentes no Brasil, a mesma identidade estava relacionada a todos.

Posto isto, o trabalho aqui em destaque tem como objetivo perscrutar as nuances que compõem a representação da história indígena no período colonial Brasileiro na telenovela “Novo Mundo”, da Rede Globo. Tendo em vista a construção das personagens que representam a tribo da aldeia Tucaré e o alcance que tal ferramenta midiática dispõe na propagação de ideias, buscamos analisar a verossimilhança presente na obra televisiva, e em que momento a arte se confunde com a caricatura estereotipada da cultura indígena, resultando em uma possível desvalorização a imagem do índio hodiernamente. É extremamente importante o estudo deste avanço dado pela mídia, pois podemos ver que esta falta de representação afeta não só os índios, mas toda uma comunidade indígena que assiste e se sente mal representada.

2 | VEROSSIMILHANÇA: A VERDADE PARA QUEM VÊ

Iniciamos esta sessão com a ideia de que a compreensão que temos de uma mensagem depende da contextualização por relação a um universo referencial que será sempre um mundo social. Tudo o que sabemos sobre o que nos cerca e sobre o que nos faz indivíduos é uma compilação de fatos e atos prévios, que acabam por construir uma base solidificada de sentidos, dos quais utilizamos diariamente na nossa compreensão de mundo. Isso pode ser entendido como verossimilhança, e usamos desta ferramenta para nos equilibrar em uma verdade que acreditamos existir.

Um exemplo importante para tal discussão é a ideia de Descartes (2000) para a

verdade e a ilusão, onde o mesmo explana sobre a existência de Deus a partir de uma verdade coletiva, que se justifica por ser igual para todos:

A realidade objetiva de cada uma de nossas ideias requer uma causa na qual esta mesma realidade esteja contida, não objetiva, mas formal ou eminentemente. Ora, é certo que temos em nós a ideia de Deus, e que a realidade objetiva dessa ideia não está contida em nós, nem formal nem eminentemente, e que ela não pode estar contida em ninguém mais exceto em Deus mesmo. Logo, a ideia de Deus, que há em nós, exige Deus como causa: por conseguinte, Deus existe. (DESCARTES, 2000, p. 183).

Esta condição acontece para que exista a comunicação, portanto, precisa-se de um emissor e receptor, para que haja um compartilhamento de verdades, ou seja, dois sujeitos que aceitem que são semelhantes, para dividirem um contexto de semelhança. Se ocorre qualquer comunicação entre seres humanos é porque existe um pano de fundo de semelhança entre o emissor e o receptor que a permite.

Isso é um fenômeno, que segundo Peirce (1905), conforme citado por Sanginetto (2004), é o resultado da experiência e da construção do pensamento humano, pois buscamos sempre descrever todo e qualquer acontecimento que nos cerca, e isto está nos livros de história, na literatura, numa fórmula matemática e afins. Muitas vezes representamos como real aquilo que não é, mas nos justificamos na premissa de que aquilo se assemelha ao que existe, e assim, tornamos fatos passíveis de reconhecimento, porque ele se torna social e coletivo. Peirce (1905, *apud* SANGINETTO, 2004, n.p.) afirma que “o objeto da fenomenologia é o fenômeno universal, o phaneron, que é o todo coletivo do que de qualquer modo ou em qualquer sentido está presente na mente, independentemente de representar uma coisa real ou não”.

A verossimilhança se aproxima da realidade, porém, não possui um compromisso com a criação de verdades, pois é preciso ter em mente que os entendimentos que temos sobre o mundo não nos garantem verdades absolutas, como Bunge (1974, p. 243) afirma, ao dizer que “a verdade é feita e não encontrada, e diagnosticar a verdade é tão difícil quanto diagnosticar a virtude”. Portanto, a verossimilhança existe para construir probabilidade de existências.

Procurando uma maior semelhança de uma teoria com a verdade, tem-se a verossimilhança. É pela assimilação entre ideias similares que se constrói a plausibilidade, e o receptor é persuadido a acreditar no que recebe. Assim, nas margens da plausibilidade, o receptor compreende o insumo que recebe e compara com o conhecimento prévio que já tem, mantendo uma relação de semelhança, que dá possibilidade para uma falsa/meia verdade, assim como explana Lopes (2005):

Nos tempos que correm, o verossímil, isto é, aquilo que parece ser verdadeiro, é a tônica do exercício midiático. Não há uma oposição entre o verdadeiro - pode haver mais de uma verdade - e o que parece ser. A verossimilhança é uma construção argumentativa que não é compreensível no diálogo pobre entre as noções de verdades e mentiras. Estas dependem dos interesses e das posições dos sujeitos

Em contrapartida, é importante frisar que a não referência direta com o mundo exterior não anula uma possibilidade de constituição com algo que é real, principalmente se for baseado em fatos históricos (como é o caso da novela “Novo Mundo”, que abraça a história do Brasil na construção da sua narrativa) e por fazer parte de tradições tão próximas ao imaginário do povo e ao senso comum, acaba-se que a verossimilhança é mil vezes mais discutida, porque a tradição regula a verdade.

3 I CARICATURA: SEMALHANÇA NA DESSEMELHANÇA

De acordo com o dicionário Michaelis a palavra caricatura é definida como “s. f. 1. Representação grotesca, com intenção satírica, dos traços característicos, físicos, de uma pessoa. 2. Reprodução deformada. 3. Pessoa ridícula pelo aspecto ou pelos modos”. Já no dicionário Aurélio: “1. Desenho que, pelo traço, pela escolha dos detalhes, acentua ou revela certos aspectos caricatos (ridículos, burlescos, grotescos) de pessoa ou fato. 2. Representação burlesca em que se arremedam comicamente pessoas e fatos; arremeto, farsa, sátira. 3. reprodução deformada de algo”. Ambas as definições referem-se à caricatura como uma forma de arte que posiciona o seu sujeito a uma atribuição inferior.

Dentro da história da arte, a caricatura artística aparecera tardiamente e Gombrich e Eribon (1998) resumem que esta nasceu apenas quando a magia desapareceu, *i.e.*, a caricatura, então, surgiu para substituir o uso da imagem dentro desse encantamento. Kris utilizou a metapsicologia de Freud na descrição evolutiva da caricatura, no qual o processo mais primitivo, ainda mágico, transforma-se num processo racional:

Em vez de desfigurar o rosto de um oponente na realidade, o efeito desse ato é simplesmente imaginado e é realizado em relação à sua efigie. Enquanto esse processo continuar dominado pelo pensamento mágico, não se pode dizer que tivesse atingido o nível da caricatura. Se, por um lado, é verdade que o método de ação mudara, a intenção permanecia a mesma: a ação era efetuada em relação a uma imagem vista como idêntica à pessoa que ela representava. Mas, no que diz respeito à caricatura, essa crença não é mais válida, seja para o consciente ou para o pré-consciente (KRIS, 1968, p. 183).

Esse processo teria sido acompanhado por mudanças decisivas na própria imagem. No primeiro estágio, a similaridade entre os traços da imagem e os do retratado são menos importantes. No estágio que já corresponde a caricatura, essa semelhança é pré-requisito da função social da imagem. Kris (1968) esclarece que o que singulariza a caricatura é o fato de realizar a reprodução distorcida de uma semelhança reconhecível.

Acredita-se, assim, que, de modo geral, as definições giram em torno da crença de

que todo o exagero aplicado propositadamente na imagem evidencia “semelhança na dessemelhança”, esta sendo a responsável pelo efeito cômico a partir da comparação, portanto, necessita da participação do receptor (KRIS, 1968, p. 190). Um traço típico da caricatura é a aparência casual do desenho, que coloca uma importante capacidade da caricatura: a simplificação, esta que permite uma redução do retrato distorcido a uma fórmula, deixando fácil de ser lembrada. Leite observa que

A caricatura parte de um desenlace (o desvio, a descontinuidade, a disjunção), que desnuda a insuficiência, desconstruindo a imagem do caricaturado ao mesmo tempo que reconstrói um “outro”, revelador das incongruências do original; por isso é reprodução negativa [...] humilha porque amplia os desvios [...] e faz dele a norma (LEITE, 1996, p. 20-21).

Apartir dos estudos supramencionados, nota-se que a caricatura objetiva deslocar uma imagem existente para alcançar o efeito desejado. Todavia, essa ação constrói uma outra identidade ao que foi retratado, transformando esta em uma verdade para os que consomem esta forma de arte.

4 | INDIOS NO BRASIL: “NO BRASIL, TODO MUNDO É ÍNDIO, EXCETO QUEM NÃO É”

Dados da FUNAI e de diversos órgãos indígenas afirmam que existem 225 povos indígenas, falantes de mais de 188 línguas diferentes. Ao todo, são cerca de um milhão de indígenas, na qual mais da metade ainda vivem em aldeias e os outros habitando em cidades. Esses números, ao compararmos ao que se sabe do início da colonização, mostram os idiomas que foram se perdendo desde então. Eram mais de 1300 línguas.

Mesmo com a diversificação das tribos, a imagem dos Guarani, Tapeba e Xacriabá foram reduzidos a uma única categoria de “índio”, dissipando as diferenças, especificidades, multilinguagem, e a identidade de cada uma das tribos. Sobre o termo “índio”, Gersem Baniwa afirma que por um longo tempo tratou-se de um termo pejorativo, até mesmo algumas tribos não permitem serem nomeadas assim, mas a grande maioria aceita ser chamados assim somente se acompanhados da etnia, por exemplo, índios Kaingangue, índios Terena, etc. Além disso, as línguas faladas por tais povos são diversificadas, ou seja, se um Guarani tentar falar com um Baniwa, será o mesmo que um Brasileiro falar com um Russo em português (BANIWA, 2006).

O que existe é um equívoco vindo das afirmações dos colonos que qualificaram as línguas, religiões e organizações indígenas inferiores à europeia, criando um estereótipo a todos as tribos que encontraram. Tal pensamento, ainda presente, não aceita (re)conhecer a interculturalidade vivida pelos povos indígenas. Todavia, costumes indígenas foram adotados pelos Portugueses que aqui vieram e encontrados até hoje, tal como tomar banho e a utilização da rede.

Hoje, tais habitantes nativos também se apropriaram de hábitos “Brasileiros”, mostrando a diversificação indígena, que podem tanto viver nas tribos ou nas cidades, possuindo traços variados. Mas essa imagem enraizada na mente dos Brasileiros, ainda impede a aceitação daquilo que é diferente do que é “aceito”. A frase escolhida como subtítulo deste tópico, “No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é!”, foi dita pelo antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro, quando os arroteiros que ocupavam a terra indígena Raposa Serra do Sol quiseram que os índios Macuxi, Wapixana, Taurepang e Ingarikó provassem que eram índios (FREIRE, 2009, p. 104). São relatos como este, que fazem parte da vivência dessas comunidades, que nos impulsionam a pesquisar mais sobre o tema, pois em um país multicultural como nosso, é imprescindível edificar pontes de pensamentos que fortaleçam a igualdade e o entendimento sobre os mais diversos povos que constituem nossa nação.

5 | “NOVO MUNDO” OU MESMISSE DE SEMPRE?

A grande questão que permeia este trabalho é a representatividade da cultura indígena na telenovela “Novo Mundo”, produzida pela Rede Globo entre 22 de Março e 25 de Setembro de 2017. Na trama, que se ambienta no Brasil do início do século XIX, entre 1817 e 1822 traz a estória de uma personagem branca, Ana, (interpretada pela atriz Isabella Drummond), que vem da Europa para o Brasil com o intuito de ensinar português para Leopoldina (interpretada por Letícia Colin) que vem para as Américas com o intuito de se casar com Dom Pedro (Caio Castro), o futuro imperador do Brasil.

Os índios se entrelaçam na estória quando o irmão de Ana, Piatã (Rodrigo Simas) acompanha a mesma para sua viagem pelos mares. Piatã não é irmão de sangue de Ana, ele foi levado para a Europa quando criança, e foi criado com as influências e costumes daquele lugar. Na sua volta para o Brasil, o personagem procura se reintegrar ao seu passado esquecido, explorar suas raízes e se redescobrir como índio. Durante a narrativa é interessante perceber como a telenovela impõe para o telespectador uma visão igual do ser índio. No início, o personagem Piatã se apresenta para o público completamente vestido, como se o mesmo carregasse um pudor que veio das influências do povo branco que o criou. Paulatinamente, o personagem vai se aproximando de sua ancestralidade e se aventura nas matas do Rio de Janeiro, buscando sua identidade.

Nesse processo, o mesmo vai se despindo, como se as roupas que cobrem seu corpo fossem um fardo, e em certo ponto, ele é acolhido pela tribo Tucaré, que de uma forma bem explícita na telenovela faz com que o mesmo sofra a desconstrução de si mesmo para se entender como índio. Na trama, Piatã se envolve com a índia Jacira (interpretada pela atriz Giullia Buscacio) que diferente das outras índias, que seguem seu papel tradicional na aldeia e na comunidade, prefere seguir seu sonho de ser guerreira.

Mas então chegamos aos pontos controversos dessa representatividade indígena na telenovela da Globo, pois os personagens principais não são indígenas, ou descendentes. Além do mais, todos da tribo falam na terceira pessoa, e quando se comunicam na língua materna, utilizam o Tupi-guarani, que não pode ser entendido com a única língua falada por tribos indígenas daquela época, principalmente se considerarmos um país que acolhiam uma população gigantesca de tribos diversas, com uma pluralidade de línguas autóctones.

A questão da nudez também chama atenção, pois todos estão seminus e pintados, sendo que cada tribo tem suas características e não necessariamente se portam da mesma forma. Dessa maneira, percebe-se uma possível caricatura do ser indígena na telenovela, que por buscar uma verossimilhança, se perde no fabuloso e surreal. A atriz indígena Silvia Nobre Waiãpi, numa entrevista para o site Portal do Holanda criticou a interpretação do núcleo indígena de “Novo Mundo”, novela das 18h da emissora, pois a mesma afirma que era tanta informação junta, que como consequência perdeu-se o sentido do que estava sendo representado:

Acho demais fantasioso. Cria um estereótipo pernicioso para a cultura indígena. Mesmo sendo uma obra de ficção, os personagens são muito exagerados. Cada vez que eu vejo não consigo definir a linha de interpretação dada, se é mais naturalista, moderna, humorística [...] (PORTAL DO HOLANDA, 2017, n.p.).

Como há pouca representação cultural dos indígenas na mídia em geral, resta a eles aproveitarem as possibilidades de apresentar uma reflexão equilibrada, mais íntima e mais humana acerca do estilo de vida desse grupo. Trata-se do que Canclini (2006, p. 288) nomeia como “democracia audiovisual”, pela qual a mídia exerce o papel de mediadora das interações coletivas e amplia o ângulo de representação dos grupos e costumes existentes na cultura urbana. E é exatamente o que o núcleo da Rede Globo faz com os indígenas representados na telenovela.

Em pleno século XXI, com um acesso maior aos recursos midiáticos, várias comunidades indígenas estão se vendo representadas na trama. Como defende Canclini (2006), recursos audiovisuais, como o cinema, podem contribuir com a organização dos relatos da identidade nas sociedades nacionais. Grupos de diversas regiões de um mesmo país, antes distantes e desconectados, podem se reconhecer como parte de uma totalidade a partir da expressão, nos veículos de comunicação, de seus gostos, hábitos, modos de falar e vestir, etc.

A atriz indígena Kapai Kalapalo, que fez uma pequena participação na novela como figurante, afirma que os povos indígenas em parte aprovam e em outra, criticam a trama:

A maioria das tribos está assistindo. A principal crítica é sobre a fala dos personagens. Eles usam muito a terceira pessoa: Jacira vai fazer isso, Jacira vai fazer aquilo. Na tribo não tem isso. Dizemos ‘eu vou fazer’. Outra coisa é a mistura de culturas. A pintura corporal, por exemplo, é Xavante. Mas eles falam tupi. Existe

uma mania de generalizar os índios, de achar que é tudo igual, mas entre nós percebemos a diferença (PORTAL DO HOLANDA, 2017, n.p.).

A utilização dos meios de comunicação para exporem desejos, a memória e a fantasia de um grupo étnico, é uma importante ferramenta para criar espaços comunitários de reflexão entre camadas multiculturais. Nesse sentido, na medida em que defende a valorização de qualquer sistema cultural, é preciso ter o reconhecimento de que todas as culturas possuem limitações tanto no âmbito social, quanto cultural. E com a cultura indígena não é diferente.

O Homem modifica, transforma e cria novos procedimentos culturais à todos os instantes, mas é preciso tomar cuidado para que a verossimilhança não se torne uma caricatura distorcida do que é real. Outra crítica abordada em relação a novela foi o fato de não escalarem atores índios para os papéis de destaque, e isso nos faz questionar a representatividade, pois quem seria melhor para representar um índio do que o próprio índio? O Xavante Miguelito Acosta tentou o teste para viver o Cacique Ubirajara, mas foi substituído pelo ator Allan Sousa Lima, que não é indígena.

Creio que, quando se trata da história de um povo, a forma mais fidedigna é com esse povo sendo protagonista. Conheci outros parentes no teste, atores com registro, que também não foram contemplados. Temos um grupo no whatsapp com mais de 30 atores, nenhum deles foi chamado. Não foi por falta de atores. Começa aí o primeiro pecado. (PORTAL DO HOLANDA, 2017, n.p.).

Segundo Needham (1985) algo nos protege do fato de que nunca conseguiremos representar uma cultura como ela realmente é devido à extrema dificuldade de criar uma sociedade. De fato, trata-se de conceber “um relato tão plausível que possa persuadir os telespectadores de que estão perante um verídico trabalho de descrição etnográfica.”. A obra de arte, por não ser relacionada diretamente com um referente do mundo exterior, não é verdadeira, mas possui a equivalência da verdade, a verossimilhança, que é característica indicadora do poder ser do poder acontecer (D’ONOFRIO, 1995). Na Novela “Novo Mundo”, o plausível é que faz possível os índios serem representados como são.

Os conceitos-chave são, portanto, “plausível” e “verídico”. Por outras palavras, para além do bom nome e inserção científica do etnógrafo, todo relato tem que apresentar uma verossimilhança mínima. Entretanto, no mundo em que vivemos hoje, com tantos recursos e meios de se chegar a uma maior verdade, questiona-se o porquê de o verossímil ser tão caricaturado. Atualmente, comunidades indígenas estão se “assistindo” nessas produções e assim como elas se comparam, os outros, não indígenas, se comparam também, e o que tememos é a continuidade de estereótipos que deveriam ser derrubados, mas que pelo contrário, são propagados, como cita Martin-Barbero (2004):

O processo de globalização que agora vivemos, no entanto, é ao mesmo tempo um movimento de potencialização da diferença e de exposição constante de cada cultura às outras, de minha identidade àquela do outro. [...] misturar o plano coletivo das culturas com aquele dos indivíduos, que se movem em planos claramente diversos, permite sem dúvida constatar que aquilo que acontece em um produz efeitos no outro: o reconhecimento das diferenças culturais tradicionais – étnicas e raciais – tanto quanto o das modernas – de gênero ou dos homossexuais – passa sem dúvida pelo plano dos direitos e das leis, porém eles só se realizam no reconhecimento cotidiano dos direitos e no respeito dos indivíduos que encarnam essas culturas (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 60- 61).

O que percebemos, porém, foi um plano de fuga bem articulado pela emissora Rede Globo em relação a representatividade e autenticidade não só do ser indígena abordado na novela, mas de todo e qualquer tema cultural que possa ser utilizado em futuros projetos da mesma. No final de cada novela e de cada minissérie da Globo tem-se a seguinte frase nos créditos: Esta é uma obra de ficção colaborativa baseada na livre criação artística, e sem compromisso com a realidade. Então nos questionamos: Que realidade?

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma conjunta discussão no que concerne ao processo de representação indígena na telenovela “Novo Mundo”, da rede Globo, em particular a representação indígena da Aldeia Tucaré e a valorização por parte da trama dos personagens Piatã e Jacira, verificamos que esse processo está ocupando um espaço no meio social não – indígena e indígena. Os personagens, então, foram representados de forma caricaturada, surreal, beirando ao fabuloso, abraçando uma ideologia de que na ficção tudo é possível, tudo faz sentido, tendo como base uma verossimilhança. Porém, é importante destacar a importância e o valor que este meio de comunicação possui em nossa sociedade, pois a mídia carrega valores que serão propagados continuamente.

Nossa intenção não é denigrir a novela em si, pois respeitamos os olhares diferenciados de cada produção cineasta, seja ele índio ou não. O que percebemos é que em boa parte da novela, a comunidade indígena se perdeu em meio ao fantástico, ao senso comum e o mito do ser igual, que por muitas vezes é estruturalista e dogmática. Ao ver esta novela e acompanhar a trama desses personagens não estamos, portanto, diante de um olhar externo cuja percepção é filtrada por outra cultura e outra ideologia da “verdadeira realidade” dos índios, mas de uma interpretação constituída de olhares que muitas vezes não corresponde com os anseios dos grupos étnicos. Por fim, aquilo que poderia ser verossímil, se torna caricato, acabando por perpetuar ideias baseadas em fantasias distantes da realidade.

REFERÊNCIAS

AURELIO. **Caricatura**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/caricatura>. Acesso em: 17/10/2017.

BANIWA, Gersem. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD/LACED/Museu Nacional, 2006.

BUNGE, Mário. **Teoria e Realidade**. Trad.: Gita K. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad.: Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 2006.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto** (vol. 1). São Paulo: Ática, 1995.

DESCARTES, René. **Descartes- Obras Escolhidas**. Trad.: Bento Prado Junior. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco idéias equivocadas sobre os índios. In: SISS, A.

MONTEIRO, A. J. J. (org.). **Educação, cultura e relações interétnicas**. Rio de Janeiro: Quartet: EDUR, 2009.

FUNAI. **A população indígena no Brasil**. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/a-populacao-indigena-no-brasil.htm>. Acesso em: 18/08/2017

GOMBRICH, E. ERIBON, E. **Ce que l'image nous dit**: entretiens sur l'art et la science. Paris: Diderot multimédia, 1998.

KRIS, E. **Psicanálise da arte**. São Paulo: Brasiliense, 1968.

LEITE, S. H. T. A. **Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas**: A caricatura na literatura paulista (1900- 1920). São Paulo: UNESP, 1996.

LOPES, Luís Carlos. **Verossimilhança e poder**. Disponível em: http://www.lainsignia.org/2005/junio/soc_020.htm – Acesso em: 12/11/2017.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis (org). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MACHAELIS. **Caricatura**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=caricatura>. Acesso: 17/10/2017.

NEEDHAM, Rodney. **Exemplars**. Berkeley: University of California Press, 1985.

SANGINETTO, Diego Mariano. **La semiótica como ciencia de la terceridad**. Disponível em: <http://www.unav.es/gep/JornadaArgentinaSanginetto.html>. Acesso em: 12/10/2017.

PORTAL DO HOLANDA. **Atriz da Globo critica interpretação de colegas em novela 'Novo Mundo'**. Disponível em: <http://www.portaldoholanda.com.br/jacira/atriz-da-globo-critica-interpretacao-de-colegas-em-novela-novo-mundo>. Acesso em 12/11/2017.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-092-6

